

A IMPORTÂNCIA DO IMPACTO DA LEITURA PARA A CONSTRUÇÃO DA COMPREENSÃO DO TEXTO PELO LEITOR

Fátima Christina Calicchio

RESUMO

O reconhecimento da subjetividade do leitor na construção da significação no texto tem sido preocupação de teóricos e professores acerca do ensino de leitura. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre a importância de se considerar o impacto da leitura para a compreensão do texto pelo leitor. Para tanto, projeta-se este trabalho, sob um caráter exploratório, com enfoque na subjetividade do leitor, seguindo visões teóricas de autores que têm trabalhado nessa perspectiva como: (JOUVE, 2002); (ANDRUETTO, 2017); (ROUXEL, 2012) entre outros. Assim, o corpus deste estudo é constituído por um questionário aplicado em meio virtual, com estudantes de Pós-graduação de Instituições públicas e privadas. Com base na interpretação e análise dos dados, constatou-se a importância da subjetividade para a formação de leitores críticos e, espera-se com esta pesquisa, contribuir para fomentar mais reflexões, mais discussões sobre a importância de se considerar o leitor real como ponto de partida para interpretação de texto na sala de aula e fora dela.

Palavras-chave: Leitura. Impacto da leitura. Leitor real. Formação do leitor.

ABSTRACT

The recognition of the reader's subjectivity in the construction of the text's meaning has been a concern of theorists and teachers about the teaching of reading. In this sense, the present study has the aim to reflect on the importance of considering the impact of reading for the reader's understanding of the text. Therefore, this work is designed, under an exploratory aspect, focusing on the reader's subjectivity, following theoretical views of authors who have worked in this perspective, such as: (JOUVE, 2002); (ANDRUETTO, 2017); (ROUXEL, 2012) among others. Thus, the corpus of this study is constituted by a questionnaire applied in a virtual environment, with postgraduate students from public and private institutions. Based on the interpretation and data analysis, it was verified the importance of the subjectivity for the formation of critical readers and, it is expected with this research, to contribute to fostering more reflections, more discussions about the importance of considering the real reader as a starting point for text interpretation in the classroom and beyond.

Keywords: Reading. Real reader. Reader subjectivity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como o ensino e a prática da leitura é um tema recorrente e necessário no âmbito educacional, algumas questões conduziram-nos na proposta deste trabalho, uma vez que em nossas demandas diárias, em sala de aula "[...]a falta de interesse dos jovens pela leitura

emerge na escola, quando essa atividade se torna um exercício escolar avaliado, tendo por objeto obras complexas – clássicas[...]” (ROUXEL, 2012, p. 2)

Por essa visão, nós, professores, seja na educação básica, na graduação, ou ainda, na pós-graduação, nos deparamos, frequentemente, com indagações do corpo docente, do tipo: Por que a maioria dos estudantes não gostam de ler? Por que eles têm dificuldades de compreender a leitura? E, conseqüentemente, essas indagações incidem em outra: como o contexto educacional pode contribuir para formar leitores eficientes na leitura do texto literário?

Em resposta a essas indagações e corroborando com (ROUXEL, 2012, p. 2) de que “[...]devemos transformar a relação com o texto, reintroduzindo a subjetividade na leitura, humanizando-a, retomando-lhe o sentido. “ E em consonância a essa visão, que prevê um leitor concreto na leitura, destacamos as considerações de (ANDRUETTO, 2017, p. 3) “A literatura nos propõe inquietação, insatisfação, intempérie. Como sabemos, seu território não é o geral, mas o particular. ”

Ainda, nessa direção, (JOUVE, 2002, p. 62) argumenta que “O texto, estruturalmente incompleto, não pode abrir mão da contribuição do leitor. ” Assim, temos que o fator que sustenta uma efetiva leitura literária reside na intervenção do leitor no texto, uma vez que por meio dessa atuação leitora, emerge a liberdade de manifestações de juízos de valor, sobre a compreensão da significação do texto, apesar de todas as interferências possíveis na experiência com a leitura.

Para dar conta de responder às indagações supracitadas e com o objetivo de suscitar reflexões sobre propostas voltadas ao ensino da leitura na escola, bem como tentar romper com práticas de leituras mais tradicionais, justificamos esta temática.

Nesse sentido, o objetivo geral, deste estudo, reside em apresentar uma alternativa para o ensino de leitura que difere da proposta de ensino, amparada em metodologias tradicionais que não dão mais conta de envolver os (as) leitores (as). E os objetivos específicos compreendem:

a) aplicar um questionário diagnóstico, a fim de fazer um levantamento sobre as experiências de leitura dos respondentes;

b) coletar os dados para análise e interpretá-los, à luz da subjetividade do (a) leitor (a);

c) suscitar uma reflexão sobre a importância de se considerar as experiências do leitor real para a formação leitora.

Dessa forma, pela aplicação do questionário diagnóstico e a análise dos dados coletados, obtemos material linguístico, suficiente, para apresentar uma reflexão sobre a importância de se considerar a subjetividade do (a) leitor (a), a fim de evidenciar que ele (a) pode questionar suas preferências e escolhas anteriores, ampliando, pois, sua visão de mundo, logo sua proficiência leitora.

Para tanto, nos amparamos na obra: “A leitura”, especialmente, no capítulo: “O impacto da leitura” proposta por Jouve (2002); relacionando essa concepção com as discussões propostas por Andruetto (2017); Rouxel (2012); Pastorello, (2015), para cujos teóricos, a leitura é como uma ação que entende o leitor como um sujeito concreto, um sujeito consciente, crítico, situado numa dimensão sócio-político-cultural.

Esta discussão tem início nestas Considerações iniciais, na sequência apresentaremos a Fundamentação teórica, seguida dos Procedimentos metodológicos, Análise dos dados e, por fim, apresentaremos as Considerações finais, as Referências que fundamentam a discussão deste manuscrito e o anexo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA A SUBJETIVIDADE E O LEITOR REAL NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A perspectiva pragmática conquistou proeminência nas pesquisas sobre o texto, a partir da década de 80, entendendo a língua não como um sistema autônomo, “mas sim com seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta.” (KOCH, 2009, p. 14)

Em outros termos, com o advento da pragmática, os textos deixaram de ser concebidos como sistema abstrato e passaram a ser considerados como instrumentos de realização do fazer humano, espaço pelo qual, pode agir o leitor:

É a insuficiência dos modelos baseados nos destinatários teóricos que vai levar um pesquisador como Michel Picard (1989) a deixar de lado o leitor abstrato em favor do leitor real, o indivíduo feito de carne e osso que segura o livro nas mãos. É o único meio, a seu ver, de dar conta da leitura efetiva do texto literário[...] O leitor real, longe de ser desencarnado, é uma pessoa inteira que, como tal, reage plenamente às solicitações psicológicas e à influência ideológica do texto. (JOUVE, 2002, p. 49)

Nessa perspectiva, podemos entender que a pragmática abre espaço para a subjetividade do leitor real, o qual, Rouxel (2012) lembra que, no espaço escolar há uma preocupação com observações mais formais do texto, impedindo o investimento do leitor, cuja preocupação leva essa autora a defender que: [...]devemos, então, transformar a relação com o texto, reintroduzindo a subjetividade na leitura, humanizando-a, retomando-lhe o sentido. ” (ROUXEL,2012, p. 14)

Nessa direção, acreditamos que considerar a subjetividade do leitor no texto permite-nos entendê-lo não como um mero receptáculo de uma mensagem, mas como um indivíduo que possui potencial diante do que lê, pois:

O leitor é um detetive que fareja entre as frases, nos interstícios entre uma palavra e outra, retirando camadas, em busca de um certo grau de revelação, para que apareça o que está ali, mas escondido, reconstruindo o edifício que é uma obra [...]” (ANDRUETTO, 2017, p. 6)

Lembrando (PASTORELLO, 2015, p. 60) “Desengatado do leitor, o texto, de vida própria não enlaça, não faz circular desejo . E sem desejo não há investimento, não há mudança, não há apropriação de novas posições. ”

Como podemos observar, essa subjetividade, isto é, a intervenção do sujeito na leitura, é condição para a construção da significação do texto pelo leitor, pois: “A obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário. Um universo textual, como nota Eco (1985), é, por definição, sempre inacabado[...]” (JOUVE, 2002, p. 32)

Pensar na construção da significação de uma obra pela via da subjetividade do leitor, implica em realizar uma reflexão sobre os espaços de certeza e incerta que ancoram essa ação do leitor.

Apoiado em M. Otten (1982), Jouve (2002) explica que o leitor é “orientado” e “livre”, de forma simultânea, na ocasião da leitura. Isso ocorre, porque o texto se organiza mediante dois polos: “espaços de certeza”, que se referem aos pontos de ancoragem da leitura, ou seja, são as passagens mais explícitas da leitura; já os “espaços de incerteza”, o autor esclarece que compreendem as passagens, mais desconhecidas/ambíguas do texto, as quais, requerem a intervenção do leitor.

Esses espaços levam-nos a entender que a construção da significação de um texto depende, essencialmente, de duas dimensões na leitura: uma que está ancorada no texto; outra que depende da ação do leitor. (JOUVE, 2002, p.66)

Diante disso, concordamos, pois, que a leitura é, eminentemente, subjetiva, já que “O texto, em geral, contenta-se em dar indícios; é ao leitor que cabe construir o sentido global da obra.” (JOUVE, 2002, p. 65)

Assim, podemos entender que Jouve (2002) fala do trabalho de previsão leitora - subjetividade-, visto que “Todo texto, de fato, inscreve-se numa linguagem, uma poética e um estilo, que são, para o leitor, sinais em seu trabalho de deciframento.” (JOUVE, 2002, p. 69)

Portanto, na ocasião da leitura, o leitor pode antecipar o conteúdo da narrativa, mediante formulações de hipóteses, de previsões, cuja habilidade permite-lhe a criação de significação no texto, ou seja, permite-lhe a compreensão leitora.

O IMPACTO DA LEITURA NO LEITOR REAL

Se o que contribui, também, para a compreensão/construção de significação no texto é a subjetividade, ou seja, é a ação do leitor, então, a leitura, nessa perspectiva, requer outro movimento desse processo, os possíveis efeitos de uma obra no leitor real:

A reflexão sobre o sujeito leitor conduz a uma importante mudança de paradigma. Passamos de uma concepção de leitura literária mais liberal que se interessa pela reconfiguração do texto pelo leitor real e apresenta modos de realização plurais. (ROUXEL, 2012, p.4)

Em outras palavras, o investimento do leitor no texto emerge de uma relação entre texto-autor-leitor, cuja tríade marca uma experiência de leitura: “Se a leitura é uma experiência, é porque, de um modo ou de outro, o texto age sobre o leitor.” (JOUVE, p.123)

Assim, o interesse pelas experiências de leitura do leitor, nos convida a pensar sobre o Impacto da leitura. A esse respeito, Jouve (2002) em sua obra “A leitura”, no sexto capítulo aborda os possíveis efeitos da obra no leitor real.

Jouve (2002) fala sobre os desafios da leitura, os quais cumprem a função de influenciar: [...] confirma ou modifica as atitudes e práticas imediatas do leitor [...]” (JOUVE,

2002, p. 123) e, outras, têm como foco o entretenimento, isto é, cumprem a função apenas de [...]recrear e divertir[...].” (JOUVE, 2002, p.123)

Contudo, na experiência de leitura por prazer, por trás dessa leitura recreativa, emerge um objetivo performativo, como o de levantar uma crítica social, por exemplo. Nesse sentido: “A leitura, portanto, no que concerne aos desafios performativos do texto, nunca é uma atividade neutra.” (JOUVE, 2002, p. 64)

Esse objetivo performativo é ilustrado, no texto, por uma fábula de La Fontaine, com a qual, fica evidente que esse escritor procurou, não apenas divertir sua audiência, explorando todos os recursos do gênero Fábula, mas também, procurou, apresentar uma preocupação em influenciar, evidenciando o desejo de agir sobre a audiência/ sobre o outro, tornando a palavra não apenas um debate literário.

Considerando a influência concreta, isto é, a experiência de leitura que age no leitor, podemos pensar em duas formas de compreendê-la: mediante o impacto global e o local: “Existem duas maneiras de apreender os efeitos concretos de uma obra: pode-se estudar a leitura seja em suas consequências globais, seja no efeito particular que produz no indivíduo. (JOUVE, 2002, p. 64)

O impacto global apresenta consequências na sociedade, já que como sujeitos sociais a experiência da leitura possibilita o desenvolvimento coletivo, visto que: “o leitor não é um indivíduo isolado no espaço social; a experiência transmitida pela leitura desenvolve um papel na evolução global da sociedade.” (JOUVE, 2002, p. 64)

Jauss, citado por Jouve (2002), observa que esse aspecto concreto, coletivo/cultural da leitura, assume três dimensões que se diferem entre si, como a Transmissão da norma, a Criação da norma e a Ruptura com a norma.

Na Transmissão da norma, uma obra pode propagar e afiançar os valores dominantes de uma sociedade, a exemplo das literaturas oficiais ou estereotipadas, pois: “[...] basta que um texto seja portador dos valores dominantes de uma época para desenvolver um papel social de transmissão - e, portanto, de consolidação-da norma.” (JOUVE, 2002, p. 125)

No entanto, uma obra, mediante a leitura, pode legitimar novos valores como as literaturas didáticas e militantes, já que “Não se trata mais então de transmitir a norma, mas sim de criar referências novas.” (JOUVE, 2002. p. 125)

A obra, pode, ainda, romper com os valores tradicionais, ao renovar o horizonte de expectativas de seu público, visto que: “ Ao renovar o horizonte de expectativa literária, uma obra vai afirmar seu caráter inovador. ” (JOUVE, 2002, p. 126)

Como podemos observar pelo impacto global, a leitura literária exerce uma função significativa na evolução das mentalidades, isso porque: “[...]podem, em certos casos, pré-formar os comportamentos, motivar uma nova atitude, ou transformar as expectativas tradicionais. (JOUVE, 2002, p. 126)

Considerando a experiência de leitura pelo Impacto local, que se refere ao efeito produzido no indivíduo, conforme Jauss, é possível pensar em efeito e recepção, este depende do leitor, aquele; é determinado pela obra.

Cabe aqui, fazer uma correlação dessa distinção de Jauss entre efeito e recepção com a distinção proposta por Iser (1985): em que a obra literária se constitui de dois pólos: o artístico-produzido pelo autor - e o estético- concretizado pelo leitor:

Essa distinção permite entender por que a relação do leitor com o texto é sempre receptiva e ativa ao mesmo tempo. O leitor só pode extrair uma experiência de sua leitura confrontando sua visão de mundo com a que a obra implica. A recepção subjetiva do leitor é condicionada pelo efeito objetivo do texto. É porque, objetivamente, Crime e castigo me coloca na perspectiva de um assassino atormentado pelo remorso que eu posso subjetivamente modificar meu olhar em relação ao crime e aos criminosos. (JOUVE, 2002, p. 127 -128)

Dessa forma, em uma experiência de leitura, podemos considerar o efeito como a perspectiva imposta pela obra -polo artístico- e o -polo estético- depende da reação/recepção do leitor sobre o efeito dado pelo pólo artístico.

Assim, o efeito da leitura de uma obra, pela via do Impacto local compreende dimensões na leitura: uma que se apoia no texto, logo, comum a todo leitor; e outra, que é variável, já que depende da particularidade que cada leitor projeta de si.

Ao pensar nos efeitos da leitura literária, há que se pensar em sentido e significação: “[...]o sentido remete ao deciframento operado durante a leitura, enquanto a significação é o que vai mudar, graças a esse sentido, na existência do sujeito. ” (JOUVE, 2002, p. 128)

De forma sinótica, existem dois níveis de compreensão de um texto: um que se refere à compreensão do texto; e outro, que se refere à maneira como cada leitor reage, particularmente, a essa compreensão, levando à significação, pois, considerando a influência

concreta na leitura, não existe nada de atitude neutra, passiva, já que “[...]O leitor vai tirar de sua relação com o texto não somente um “sentido”, mas também uma “significação”. (JOUVE, 2002, p. 128)

Outro conceito proposto por Vincent Jouve (2002) acerca do Impacto da leitura refere-se às noções sobre a Confirmação de si e a Redescoberta de si: “O que a maioria dos leitores busca não é uma experiência desestabilizante, mas, ao contrário, uma confirmação daquilo em que eles acreditam, daquilo que sabem e esperam.” (JOUVE, 20002, p. 129)

Nessa direção, Rouxel (2012) defende que a experiência de leitura, sempre, age no leitor como uma afirmação de si, ressaltando o repertório de valores do destinatário:

[...] A leitura é sempre uma afirmação de si diante do texto e cada leitura conduz a uma recomposição das representações e do repertório de valores do leitor. Por meio da identificação, o sujeito descobre a alteridade que está nele mesmo. (ROUXEL, 2012, p. 5)

Em consonância a esse conceito, Andruetto (2017) reafirma que a Confirmação de si mostra em nós, aquilo que nos falta: “Não se lê a não ser que já se sabe, ao mesmo tempo, para ler é preciso se lançar a uma aventura e a um desafio; a aventura e o desafio de encontrarmos a nós mesmos[...]” (ANDRUETTO, 2017, p. 4)

O que está em evidência, portanto, é a identidade do leitor, uma vez que o interesse pela leitura busca um reconhecimento de nós como leitores no texto.

Se em um aspecto do Impacto da leitura a significação reside na Descoberta de si, em outro movimento do leitor, por assim dizer, essa significação se ampara na Redescoberta de si:

Mesmo que não sejam os mais lidos, pode-se considerar que os textos mais interessantes são aqueles que vão ao encontro das supostas disposições do leitor. Quando é confrontado com a diferença, e não com a semelhança, o sujeito tem a possibilidade, graças à leitura, de se redescobrir.” (JOUVE,2002 p. 131)

A esse respeito, Andruetto (2017) em sua obra Elogio da dificuldade defende que “[...] Todo bom leitor é um rebelde, um insatisfeito[..], cuja atitude leva-o à Redescoberta de si, ou seja, leva-o ao desenvolvimento de uma postura crítica durante a experiência com a leitura, uma vez que:

[...] a literatura não nos leva à simplificação da vida, e sim à sua complexidade, evitando o pensamento global, uniforme, para ir em busca da construção de um pensamento próprio. “Há que se pôr um sinal de interrogação sobre o valor do fácil; não apenas sobre sua consequência, mas sobre a predileção por tudo aquilo que não nos questiona nem nos obriga a desenvolver nossas possibilidades[...]” (ZULETA, apud ANDRUETTO, 2017, p.3)

Essas posições nos levam a entender que na Redescoberta de si, durante a experiência com a leitura, o propósito do texto lido não reside tão somente no reconhecimento do leitor no texto, mas está na concretização daquilo que o leitor aprende dele mesmo no e pelo texto.

Ao se refletir sobre o Impacto da leitura, Jouve (2002) nos apresenta, também, dois movimentos possíveis do leitor: a Regressão e o Desenvolvimento.

Entender a conduta/recepção leitora pela via da Regressão implica em distanciamento crítico do leitor: “Na medida em que retoma por sua conta a ou as vozes do texto, o leitor, às vezes, é levado a uma “desposseção” de si próprio que pode chegar a alienação.” (JOUVE, 2002, p. 132)

Também nessa direção, Rouxel (2012) argumenta que durante a leitura:

[...] o investimento do leitor no texto pode ser alternado ou combinar-se com o distanciamento crítico[...] A relação com o texto (que é também um jogo de forças-dominação/submissão) é flutuante, descontínua, colocando em cena facetas diversas da identidade do leitor. (ROUXEL, 2012, p. 5)

Em outros termos, podemos entender que pelo movimento da Regressão, o leitor pode ser influenciado, tornar-se refém da voz do narrador.

Sobre o conceito de Desenvolvimento na experiência de leitura, podemos compreendê-lo como sinônimo de uma experiência enriquecedora com a leitura, visto que:

O recuo crítico é determinado essencialmente pela posição de leitura: obrigado a passar de um ponto de vista para outro, o leitor é levado a tomar certa distância em relação à história contada. Qualquer que seja a maneira como coordena as diferentes perspectivas do texto, ele sai mais consciente de sua leitura. (JOUVE, 2002, p.134)

Se o que sustenta uma experiência de leitura enriquecedora, no leitor reside em seu engajamento crítico, é em uma atitude mais progressiva que o leitor se entenderá dentro e fora do texto:

Parece que, por meio da identificação com as personagens, é de fato a verdade de sua própria vida que o leitor está em condição de apreender: a leitura, ao fazê-lo atingir uma percepção mais clara de sua condição, permite-lhe entender-se melhor. (JOUVE, 2002, p. 136)

Como podemos observar, esses movimentos/posturas regressivas e progressivas do leitor evidenciam que em certas experiências, ele se revelará como refém de um discurso/ do mundo fictício -atitude regressiva- já, em outras; o leitor operará de modo mais crítico- atitude progressiva-, de tal forma que, ao compreender, por exemplo, as ações das personagens, ao fazer interpretação compreensiva das personagens, de suas ações, esse movimento/essa atitude do leitor, possibilitará o seu desenvolvimento como leitor efetivo da leitura literária.

METODOLOGIA

Para desenvolver a temática sobre evidenciar a importância do papel do sujeito leitor para a construção da significação na leitura, fez-se necessário projetar este estudo, sob uma natureza exploratória, pois, esse tipo de pesquisa, pode agregar maior intimidade com o problema em questão, tornando-o mais claro e específico, conforme defende (GIL, 2010, p. 41), com enfoque na subjetividade do leitor, seguindo visões teóricas de autores que têm trabalhado nessa perspectiva como: (JOUVE, 2002); (ANDRUETTO, 2017) (ROUXEL, 2012)

Nesse sentido, para confrontar teoria e prática, utilizamos o procedimento da pesquisa-ação, o qual compreende os: aspectos referentes à pesquisa propriamente dita, envolve também a ação dos pesquisadores e dos grupos interessados, o que ocorre nos mais diversos momentos da pesquisa. (GIL, 2002, p.143)

Em outros termos, a pesquisa-ação cumpre a função de possibilitar uma mudança, uma alternativa para situações específicas, mobilizando ações colaborativas entre pesquisador e pesquisado. Com base nesse tipo de procedimento, sobre o instrumento para a coleta de dados importa destacar que:

Diversas técnicas são adotadas para a coleta de dados na pesquisa-ação. A mais usual é a entrevista aplicada coletiva ou individualmente. Também se utiliza o questionário, sobretudo quando o universo a ser pesquisado é constituído por grande número de elementos (GIL, 2002, p. 145-146)

Dessa forma, para a realização da coleta de dados, optamos pela aplicação de um questionário, uma vez que os sujeitos a serem pesquisados ficariam mais à vontade para responder às questões propostas. Com base nesse delineamento metodológico e nos objetivos propostos, este estudo, foi desenvolvido com leitores -estudantes- de curso de Pós-graduação de Instituições públicas e privadas.

Considerando que a pesquisa-ação, ocorre a partir de ciclos como diagnosticar, planejar, intervir, avaliar e refletir, Tripp (2005) fez-se necessário aplicar a proposta mediante etapas como: etapa 1) aplicação de um questionário, denominado diagnóstico, o qual objetivou verificar as experiências de leitura dos respondentes. Esse questionário foi disponibilizado aos estudantes pelo aplicativo do Google Forms, constituído de doze questões objetivas de múltipla escolha, cujos dados foram interpretados mediante os gráficos, fornecidos pelo próprio aplicativo; etapa 2) após a sondagem sobre as percepções dos leitores -respondentes- sobre suas experiências de leitura, a professora possui informações para avaliar e refletir Tripp (2005) sobre O impacto da leitura no leitor respondente, a fim de evidenciar a importância da subjetividade do leitor, na experiência com a leitura.

ANÁLISE

Para a realização deste estudo, conforme explicitado na seção “Procedimentos metodológicos “ trabalhamos com dados coletados mediante um questionário diagnóstico sobre as experiências de leitura dos estudantes -respondentes-, ou seja, consideramos as respostas dos participantes como um teste de percepção, pois por meio deles os respondentes se manifestaram sobre o Impacto da leitura em suas experiências com a leitura literária.

Antes de analisar e interpretar os dados coletados, consideramos importante, apresentarmos um breve perfil dos respondentes envolvidos nesta pesquisa, cujo perfil foi controlado pela variável social.

Quadro 1 – Perfil dos respondentes

Faixa etária	Faixa 1 (20-30) 26	Faixa 2 (31-40) 6	Faixa 3 (41-50) 1	Total de respondentes
Sexo	Feminino 19	Masculino 14	Outros 0	33
Cidade	Londrina 6	Outras regiões do PR 23	Outros estados 4	
Formação/ Especialização	Exatas 1	Humanas 26	Saúde 6	

Fonte: (autora,2022)

O quadro 1 mostra o perfil dos respondentes da pesquisa, distribuído por grupo de fatores sociais como: faixa-etária, sexo, cidade, formação/especialização. De um total de 33 respondentes, observamos que no grupo “faixa-etária”, na faixa 1, 26 respondentes constituem essa faixa; seguido de 6 respondentes para a faixa 2 e 1 respondente para a faixa 3.

Acerca do grupo “sexo” dos 33 respondentes, 19 são do sexo feminino e 14 do masculino, com 0 para “outros”; sobre o grupo “Cidade”, destacamos 6 estudantes da cidade de Londrina, 23 de outras regiões, aqui do Paraná (Paranavaí, Maringá, Toledo, Foz do Iguaçu, Apucarana e Rolândia) e 4 para outros estados (Mato Grosso do Sul, São Paulo e Bahia).

Quanto ao grupo “Formação/Especialização”, tivemos 1 respondente na área de exatas (Matemática), 26 da área de humanas (Direito, Comunicação e Multimeios, Jornalismo e Geografia) e 4 da área da saúde (Psicologia, Enfermagem e Odontologia).

Importa destacar que, para este estudo, não entramos no mérito da relação desses fatores com a temática sobre o Impacto da leitura, uma vez que o nosso foco reside em refletir sobre a subjetividade dos leitores envolvidos na pesquisa, independentemente, de suas constituições sociais, justificando, pois, a apresentação desses dados, apenas como informações a mais dos respondentes.

Como já mencionado, na seção “Procedimentos metodológicos”, foi disponibilizado um questionário (disponível na seção “Anexo”, aos estudantes de curso de Pós-graduação de

Instituições públicas e privadas. O questionário teve como objetivo, observar as percepções dos respondentes sobre suas experiências de leitura.

Destacamos que haviam questões objetivas, de respostas para cada par de questão, contemplando os conceitos sobre o Impacto da leitura, a fim de capturar tal realidade. Essas questões foram analisadas qualitativamente, com o propósito de chegar às explicações.

O questionário aplicado é constituído de um total de 12 (doze) questões objetivas, as quais foram analisadas em pares, com um enunciado comum a todas elas: “Sobre suas experiências com a leitura, assinale a opção que mais o define como leitor (a) ”.

Com essas questões, objetivamos verificar como os conceitos sobre os efeitos da leitura agem no leitor. Em relação ao primeiro par de questões, o questionário apresentou estas afirmativas:

- (1) "Leio um livro apenas pelo prazer de ler, ou seja, para me distrair. "
- (2) “Leio um livro, sempre, considerando que ele pode me influenciar positivamente, ou seja, suscitar o meu senso crítico.

Jouve (2002) defende que uma obra contempla objetivos performativos e recreativos. Assim, de um total de 33 respostas, 20 (60,6%) realizam suas leituras com a finalidade de a obra suscitar seus sentidos críticos e 10 (30,3%) dos respondentes realizam leituras visando à distração e, ainda, 3 (9,09%), consideram que, as experiências de leitura, os impactam de formas recreativas e performativas.

Evidencia-se, assim, que 60,6% dos respondentes corroboram com o conceito sobre os objetivos da leitura proposto pelo autor, visto que a maioria dos estudantes esperam, com a experiência na leitura confirmar, modificar as suas atitudes e práticas imediatas do leitor, como ilustra o item (2) do par de questões propostas, uma vez que, esse leitor, pode intervir no texto, mobilizando, por exemplo, os espaços de incerteza (M. Otten 1982), ao tomarem conhecimento das passagens mais ambíguas do texto, a fim de construir uma significação para a leitura.

Ainda, sobre esse par de questão, por outro lado, dos 33 respondentes, 10 (30,3%) buscam na leitura o entretenimento, como expõe o item (1) do par de questões, contudo, como defende Jouve (2002) por trás de uma leitura por prazer, emerge um objetivo performativo, já que, dos 33 respondentes, 3 (9,09%) assinalaram os dois itens do par de

questões propostas, confirmando que na relação com o texto, o leitor mobiliza [...] um jogo de forças-dominância/submissão) é flutuante, descontínua, colocando em cena facetas diversas da identidade do leitor. (ROUXEL, 2012, p. 5)

Na resposta para o segundo par de questões (3) e (4), o questionário apresentou estas opções aos respondentes:

(3) “Gosto de realizar leituras que evidenciam como pré-formar comportamentos.”

(4) “Realizo leituras com vistas a suscitar em min novos comportamentos/attitudes.”

Nesse par de questões, objetivamos verificar como a experiência de leitura age no leitor, a qual, conforme Jouve (2002) pode ser compreendida mediante o impacto global e o local. Diante disso, considerando o impacto global que incide em atitudes do leitor, na sociedade, já que o indivíduo é um sujeito social Jouve (2002), o item (3) teve como objetivo verificar, no respondente, se ele busca mais leituras que revelam a propagação de comportamentos/ costumes/normas e, o outro item, (4) buscou verificar se o estudante, com a experiência, procura por leituras que apresentam novas referências sobre comportamentos/mentalidades, etc.

Nesse sentido, de um total de 33 respostas 20 (60,6%) mostram que buscam, na experiência com a leitura, que ela lhes suscite mudança de atitudes, corroborando que [...] Não se trata mais então de transmitir a norma, mas sim de criar referências novas. (JOUVE, 2002. p. 125)”, cumprindo a função social de mostrar novas referências.

No item (3) do par dessa questão, sobre a transmissão da norma, os dados coletados indicam que do total de 33 respostas 4 (12,12%), buscam leituras, cujo tema foca a transmissão de valores dominantes de uma sociedade, confirmando que o impacto global da leitura tem origem, também, em obras que são portadoras de valores dominantes de uma época, realizando, pois, uma função social de consolidação da norma. (JOUVE, 2002, p. 125)

Ainda, sobre esse par de questão, consideramos importante destacar que, dentre os 33 respondentes, 9 deles, (27,27%) assinalaram as duas questões, evidenciando, o potencial multifacetado do leitor, visto que na experiência com a leitura, “[...]de um modo ou de outro, o texto age sobre o leitor.” (JOUVE, p.123)

Quanto ao quarto par de questões propostas, o item (5) teve como objetivo verificar nos respondentes se em suas experiências com a leitura, buscam uma

transformação de seus gostos literários e, o item (6), buscou observar, se a preferência de leitura dos respondentes, revela o efeito da obra que incide no indivíduo, pela via do impacto local. Vejamos, abaixo, as afirmativas propostas para esse par de questão:

(5) “Gosto de realizar leituras que evidenciam como romper com comportamentos tradicionais e a renovação com o meu horizonte de expectativas.”

(6) “Durante a experiência de leitura, sou um leitor empático, pois consigo entender até mesmo a atitudes falhas de uma personagem.”

Em resposta ao item (5), de um total de 33 respostas, 19 (57,5%) mostraram que em suas experiências com a leitura, buscaram romper com valores tradicionais: “ Ao renovar o horizonte de expectativa literária, uma obra vai afirmar seu caráter inovador. ” (JOUVE, 2002, p. 126), ou seja, esse percentual de respondentes busca, renovar seus horizontes de expectativas literárias.

No item (6) para a afirmativa: “Durante a experiência de leitura, sou um leitor empático, pois consigo entender até mesmo a atitudes falhas de uma personagem. ” 11(33,3%) revelaram que, nas experiências com a leitura, considerando a recepção do leitor-impacto local-, mostram-se leitores empáticos, já que se consideram capazes de entender atitudes não virtuosas das personagens, asseverando que [...] a relação do leitor com o texto é sempre receptiva e ativa ao mesmo tempo. O leitor só pode extrair uma experiência de sua leitura confrontando sua visão de mundo com a que a obra implica. (JOUVE, 2002, p. 127 - 128)

E, 3(10%) desses respondentes, concordam com as duas afirmativas, em suas experiências com a leitura. Essa atitude, implica em entender que esses leitores se apoiam e se investem no texto, a fim extraírem uma significação.

Pelas respostas assinaladas ao quinto par de questões apresentamos:

(7) “No ato da leitura eu antecipo o conteúdo da narrativa por meio de levantamento de hipóteses, de previsões sobre o enredo.”

(8) “No ato da leitura, sempre, concordo com as ideias, com as ações das personagens propostas pelo enredo.”

Objetivamos com o item (7), observar a capacidade de o leitor realizar leituras efetivas pela via do conceito sobre significado e significação proposto por Jouve (2002) em que o primeiro compreende apenas um deciframento do texto pelo leitor e, o outro; refere-se à construção da significação no texto.

Dito isso, de um total de 33 respostas para esse par de questão, 30 (90,91%) dos respondentes assinalaram que em suas experiências com a leitura, evidenciam suas subjetividades, ou seja, se engajam no texto, contribuindo para a significação do texto, asseverando, conforme Jouve (2002) que a obra requer a intervenção do destinatário.

Para o item (8), desse par de questão, observamos que 3 (9,09%) dos respondentes, ainda, tomam o texto para extraírem-lhe um sentido, apenas, cuja ausência leitora, por assim dizer, assevera que o texto sem a subjetividade do leitor, não abre margem para novas posições, significações (PASTORELLO, 2015)

Sobre o sexto par de questões (9) e (10), objetivamos investigar se nas experiências com a leitura, os respondentes buscam mais se identificarem com a obra (9) ou se redescobrirem pela obra (10).

A esse respeito, de um total de 33 respostas, 3 (9,09%) concordam que, em suas experiências com a leitura, buscam seus reconhecimentos no texto, conforme item da afirmativa (9):

(9) “Na experiência com a leitura, sempre, procuro encontrar aquilo que eu acredito, aquilo que eu sei, que eu espero.”

E, das 33 respostas coletadas, 27 (81,81%) dos respondentes, consideram que, em suas experiências com a leitura, buscam se redescobrirem no texto, como ilustra a afirmativa pelo item (10):

(10) “Os enredos mais interessantes são aqueles que me colocam em confronto com o diferente, uma vez que eu tenho a possibilidade de me redescobrir como leitor crítico.”

Ressaltamos que dentre os 33 respondentes, 3 deles, (9,09%) assinalaram ambas as afirmativas, revelando, que em suas experiências de leitura, em certas ocasiões da vida dos

leitores, há de se considerar propósitos que se voltam para o reconhecimento do leitor no texto e, também, na busca pela concretização daquilo que o leitor percebe dele mesmo mediante o texto.

Com base nessas respostas, confirmamos o conceito de Jouve (2002) sobre os movimentos da Confirmação de si em que os leitores buscam por uma experiência sobre “[...]aquilo que acreditam e esperam [...]” no e pelo texto. (JOUVE, 20002, p. 129)

Contrariamente, pelo conceito da Redescoberta de si, os leitores buscam um confronto com o diferente, com aquilo que os desestabilizam, contribuindo para a busca “[...] da construção de um pensamento próprio.” (ZULETA, apud ANDRUETTO, 2017, p.3)

Acerca do sétimo par de questões, tivemos como objetivo observar se nas experiências de leitura dos respondentes, se eles deixam-se levar pela voz do outro (narrador) ou se evidenciam um posicionamento contrário à autoridade do mundo fictício. Dessa forma, para a afirmativa do item (11), propomos:

(11) “Acredito na autoridade do autor do texto, pois em minhas experiências de leitura deixo-me levar pela (s) voz (es) da personagem (ens), ou seja, sempre sou influenciado (a) pelo enredo.”

Como respostas dadas à afirmativa em (11), de um total de 33 respostas, 6 (18,18%) declaram que, em suas experiências com a leitura, são influenciados pela voz do narrador, cujo movimento corrobora que “[...]Na medida em que retoma por sua conta a ou as vozes do texto, o leitor, às vezes, é levado a uma “desposseção” de si próprio que pode chegar a alienação. (JOUVE, 2002, p. 132)

Sintetizando, pelo movimento do conceito da regressão, o leitor, revela um distanciamento de seu posicionamento crítico, já que ele se torna refém da voz do narrador.

Na afirmativa do item (12) apresentamos:

(12) “Na experiência com a leitura procuro compreender as ações das personagens, sejam elas reflexos de vícios ou virtudes humanas. Isso significa que, nem sempre, deixo-me ser influenciado (a) pela autoridade do (a) autor (a).”

As respostas assinaladas para a afirmativa do item (12) de um total de 33 respondentes, 26 (78,78%) revelam que, esses leitores, em suas experiências com a leitura, se investem mais no texto, no sentido de se distanciarem da voz do narrador, levando à construção de significações diferentes para o enredo, confirmando que “[...]Qualquer que seja a maneira como coordena as diferentes perspectivas do texto, ele sai mais consciente de sua leitura.” (JOUVE, 2002, p.134)

Portanto, o movimento da Regressão/Desenvolvimento proposto por Jouve (2002) é confirmado, na medida em que o leitor compreende as ações das personagens, compreende o enredo, cuja atitude/movimento implica em posicionamento mais crítico sobre a obra, levando-o ao amadurecimento como leitor da leitura literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa teve como enfoque apresentar uma reflexão sobre o conceito: Impacto da leitura proposto pelo linguista Jouve (2002), a fim de evidenciar que a recepção subjetiva do leitor pode funcionar como um recurso profícuo para a construção da significação /compressão do texto pelo leitor. Dessa forma, com base na análise quantitativa dos dados coletados do questionário diagnóstico, algumas observações merecem destaque:

Primeiramente, podemos constatar que a teoria sobre o Impacto da leitura se confirmou como efetiva pela análise dos dados, uma vez que o percentual de respondentes sobre as afirmativas, revelam leitores mais engajados, com atitudes mais progressistas no texto, no entanto, mesmo que seja uma minoria dos respondentes, ainda, revelam-se leitores passivos do texto.

Sobre a subjetividade do leitor, como recurso favorável à construção da significação no texto, também se confirmou, visto que os maiores percentuais de respostas às afirmativas que emergem a intervenção do leitor foram mais proeminentes.

Quanto à indagação: “como o contexto educacional pode contribuir para formar leitores eficientes na leitura do texto literário?” Acreditamos que este estudo deu conta de respondê-la, visto que mediante a ferramenta do questionário diagnóstico, foi possível observar o perfil leitor do alunado, por cuja ferramenta, é possível, também, traçar práticas de ensino de leitura voltadas para a subjetividade, ou seja, para a contribuição do leitor mediante suas experiências e recepção com a leitura.

Nesse sentido, com esta discussão esperamos contribuir para mais estudos /práticas que contemplem e considerem mais a subjetividade do leitor dentro e fora do contexto educacional.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, Maria Teresa. Elogio da dificuldade. In: ANDRETTO, M.T. A leitura, outra revolução. Trad. Newton Cunha. São Paulo: Sesc, 2017, p. 79-96.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JOUBE, Vincent. O impacto da leitura. In. A leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas. 2ª. Ed.-São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2009.

PASTORELLO, Lucila Maria. Leitura em voz alta e produção da subjetividade. São Paulo: Edusp, 2015.

ROUXEL, A. (2012). Mutações epistemológicas e o ensino da literatura: o advento do sujeito leitor. Revista Criação & Crítica, (9), 13-24. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v5i9p13-24>. Acesso em: 30 de jun. 2022.

TRIPP, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica (p. 446). Educação e pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.

ANEXO

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE LEITURA (elaborado pela autora para esta pesquisa)

A você, que se dispôs a responder o questionário abaixo, muito obrigada por colaborar com a pesquisa. Suas opiniões e conceitos serão respeitados e muito irão contribuir para os estudos sobre “Ensino de Leitura e Formação de Leitores”.

Dados do (a) colaborador (a):

Idade: _____ sexo: () masculino () feminino () outros () Naturalidade: _____
Cidade em que mora: _____.

Formação:

Graduação:

Curso: _____ Instituição: _____ Conclusão: _____

Pós-graduação:

() Especialização () Mestrado () Doutorado

Sobre suas experiências com a leitura, assinale a opção que mais o define como leitor:

1. Leio um livro apenas pelo prazer, ou seja, para me distrair.
2. Leio um livro, sempre, considerando que ele pode me influenciar positivamente, ou seja, suscitar o meu senso crítico.
3. Gosto de realizar leituras que evidenciam como pré-formar comportamentos.
4. Realizo leituras com vistas a suscitar em min novos comportamentos/atitudes.
5. Gosto de realizar leituras que evidenciam como romper com comportamentos tradicionais e possibilitar a renovação com o meu horizonte de expectativas.
6. Durante a experiência de leitura, sou um leitor empático, pois consigo entender até mesmo a atitudes falhas de uma personagem.
7. No ato da leitura eu antecipo o conteúdo da narrativa por meio de levantamento de hipóteses, de previsões sobre o enredo.
8. No ato da leitura, sempre, concordo com as ideias, com as ações das personagens propostas pelo enredo.
9. Na experiência com a leitura, sempre, procuro encontrar aquilo que eu acredito, aquilo que eu sei, que eu espero.
10. Os enredos mais interessantes são aqueles que me colocam em confronto com o diferente, uma vez que eu tenho a possibilidade de me redescobrir como leitor.
11. Acredito na autoridade do autor do texto, pois em minhas experiências de leitura deixo-me levar pela (s) voz (es) da (s) personagem (ens), ou seja, sempre sou influenciado (a) pelo enredo.
12. Na experiência com a leitura procuro compreender as ações das personagens, sejam elas reflexos de vícios ou virtudes humanas. Isso significa que, nem sempre, deixo-me ser influenciado (a) pela autoridade do (a) autor (a).
13. Caso desejar, deixe um exemplo sobre as suas respostas assinaladas acima. Pode ser por meio da passagem de um livro, filme, de um excerto de uma música, trecho de uma poesia.